

PROGRAMA PERFORMATIVO: APONTAMENTOS E PROBLEMAS SOBRE UMA POSSÍVEL PEDAGOGIA DO SABER COMO EXPERIÊNCIA

Profa. Dra. Patricia Leonardelli¹

Resumo: A partir dos conceitos de deslocamento da percepção, deriva natural e deriva cultural, desenvolvidos por Humberto Maturana em sua obra “A Ontologia da realidade”, esse texto deseja debater a problemática pedagógica do programa performativo como possível matriz artístico-educacional na perspectiva do ensino como desdobramento potencial e não transmissão conteudística na relação professor-aluno. O que define uma experiência e como ela pode efetivamente adensar um fluxo com consistência suficiente para delimitar um saber? Quais as vivências que podem ser tomadas como experiência? E, em especial, como a perspectiva construtivista da Biologia do Conhecimento de Maturana pode contribuir para tal discussão.

Palavras-chave: Programa Performativo; Humberto Maturana; Biologia do Conhecimento; aprendizado.

Este artigo parte de alguns conceitos postulados pelo biólogo chileno Humberto Maturana em sua teoria sobre a autopoiese para debater a noção de “aprendizado” como processo complexo da experiência corpórea e simbólica, pelo qual desejamos refletir sobre os programas performativos como possíveis procedimentos de produção efetiva nesse território.

O aprendizado é algo que funda o ser humano desde seus primeiros processos de diferenciação na vida intrauterina. É nesta dinâmica de reflexão motriz sobre as dobras que delimitam seu corpo frente àquilo que ele reconhece como exterioridade que se organizam as primeiras noções de “eu-corpo” e “ambiente” para o bebê. O primeiro aprendizado é, portanto, o aprendizado da diferenciação, da mesura, do tato, na possibilidade de delimitar o espaço, para assim lhe atribuir melhor os conteúdos: isto aqui sou eu, tenho essa textura, essa temperatura; a partir daqui, existe um espaço que já não comporta as coisas que me determinam. Este é o *modus operandi* que organiza as primeiras percepções e esquemas cognitivos sob os quais o homem estrutura seus sistemas de saber mais complexos. É a base perceptiva-cognitiva do aprender.

Maturana apresenta seu conceito de aprendizagem precisamente nas singularidades com que um organismo varia seu comportamento durante sua história, sua ontogenia, em consonância com as variações do “meio”, uma vez que as dobras e diferenciação são limites ontogênicos que estão sempre se rearranjando. Nesse sentido, há duas perspectivas fundamentais para como esse processo se dá:

1. O ambiente é uma exterioridade objetiva, que contém dados, sentidos, informações que precisam ser acessadas via produção simbólica para dessa experiência se extrair as respostas comportamentais mais apropriadas ao conjunto de perguntas do meio. A memória é o arquivo de informações que possibilita a rerepresentação e combinação de dados.
2. O organismo delimita a si e ao ambiente pelas suas especificidades estruturais em movimento, por estruturas dinâmicas que formam planos de reconhecimento na relação das estruturas entre si, e simultânea congruência e diferenciação. Não se processam nem a representação, nem a memória arquivista, e sim, às palavras de Maturana: “uma dança estrutural no presente que segue um curso congruente como a dança estrutural com o meio, ou se desintegra”. O ambiente não é uma exterioridade objetiva

¹ Atriz. Filiação Institucional: Pesquisadora Associada do Lume Teatro (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais/Unicamp), Professora Convidada do PPGADC/Unicamp, Professora Efetiva da Pós-Graduação da Escola Superior de Artes Célia Helena (ESCH). E-mail: patleonardelli@gmail.com.

Partindo da segunda abordagem, Maturana aponta que todos os organismos funcionam pela interação com o meio nessa ordem, pela qual a afetação e diferenciação estrutural contínuas no fluxo da vida asseguram a recíproca relação de transformação entre o organismo e o meio em construção. A estrutura biológica dos seres devém da seleção estrutural nesse processo, que antes de invocar qualquer determinismo biológico constitui um complexo jogo de interações entre os corpos: o ambiente interfere na forma os seres interferem em suas próprias estruturas.

Contrariando certo senso comum sobre o que se convencionou pensar sobre a determinação filogênica, a Autopoiesis, Maturana subverte a hierarquia do meio na formação ontogênica. Pelo fluxo de interação, negociação e diferenciação biológicas, a vida desdobra qualidades de experiência que produzem uma infinidade de conteúdos pelos quais o aprendizado dos seres se organiza. O aprendizado é, em última instância, as muitas dinâmicas de construção mútua entre ser e ambiente no fluxo indeterminado da vida, para que ambos se mantenham e não se extingam. Todo aprendizado está ligado aos mecanismos de sobrevivência frente ao real como construção na experiência.

Mecanismos que se estendem ao mundo invisível, que desde o estruturalismo linguístico moderno costumamos chamar de “simbólico”. Os velozes campos das forças formadoras dos seres (linguagem, inteligência, emoção, memória) estão intimamente relacionados com os esquemas primeiros de percepção de si e do ambiente. E o fenômeno do aprendizado ocorre precisamente quando os parâmetros perceptivos se alteram frente ao reconhecimento de alguma alteração da ontogenia do ambiente.

Porém, para além do trabalho perceptivo em relação às estruturas reconhecidas como “meio/ambiente”, Maturana aponta para o caráter autorreflexivo ao longo da construção de uma subjetividade: é possível se deslocar de si próprio e descrever os processos geradores de sua própria conduta? É possível descrever sua própria consciência como um observador que se autodescreve, fornecendo informações de modo alheio a si mesmo, sem se autoidentificar como parte integrante do processo? É viável a perspectiva do observador científico nesse contexto de análise do que é o aprendizado?

A resposta, para o autor, é negativa, uma vez que todo aprendizado é consequência da seleção estrutural que se dá na história de cada ser vivo tomado como sistema, e não unidade. Questionando a “perspectiva informacionista”, em que o ambiente é o meio constituído por dados da realidade a serem traduzidos simbolicamente pelos seres, Maturana postula uma noção de saber como processo sistêmico dos seres em determinação estrutural mútua no fluxo da vida. Cada interação traz as singularidades que determinam a forma do saber. Aquilo que se reconhece como conduta ou comportamento é a ação consequente de determinadas estruturas (formadas pelas interações do ser e do ambiente em co-criação) que produzem estados dinâmicos específicos.

O aprendizado consiste no processo simultâneo de adaptação como conservação da organização que permite a vida do sistema e criação frente às mudanças do sistema-meio, a dinâmica pela qual todos os seres se criam e recriam permanentemente na sua duração, a que Maturana denomina de *autopoiese*. Este estudo se baseia na hipótese de uma abordagem autopoietica sobre o aprendizado e nos programas performativos como possíveis procedimentos pedagógicos de produção de saber pelo deslocamento da percepção.

Na teoria de Maturana, o aprendizado de toda ordem é um processo que se dá pelas singularidades da experiência entre ser e ambiente em co-criação indeterminada no fluxo da vida. As dinâmicas que transformam os dois domínios de produção definem os movimentos de construção das respostas de sobrevivência para cada interação, cada “presente” da experiência. Ilusão e realidade são campos indistintos para o corpo nesse contexto: uma informação vivida, sentida, percebida como real é o que configura a realidade aprendida.

Não é exagerado afirmar que o território da arte é o local onde formalmente se manifesta o desejo pela experiência no mundo do trabalho contemporâneo. As pedagogias artísticas, em

especial nas Artes do Corpo, buscam criar campos experienciais por onde a noção de técnica como caminho para o aperfeiçoamento instrumental do artista foi sendo problematizada. Atualmente, diante da dissolução e reconfiguração extremamente dinâmica das fronteiras das linguagens artísticas, o campo pedagógico foi desafiado a reavaliar sua teoria para conseguir o diálogo efetivo com as novas discursividades do contemporâneo e seus processos de formação.

O programa performativo é um procedimento de criação que acabou por anunciar uma propedêutica para o corpo-em-arte nesse sentido. Abre-se a possibilidade formal de tomar a desestabilização perceptiva como encaminhamento de criação artística que toma a experiência como núcleo disruptor da linguagem. Cada programa configura um conjunto de ações escolhidas para instaurar dinâmicas de criação baseadas em rotinas inusitadas para o corpo-em-experiência, pelas quais as linguagens podem se sistematizar. Vivenciar o programa implica em assumir o risco de enfrentamentos com o ambiente fora dos padrões pelos quais se organiza o equilíbrio atual do corpo, ao qual, pela Antropologia Teatral, se popularizou como “equilíbrio cotidiano”, e fornecer respostas de criação para a diferença.

Cada programa inaugura uma propedêutica que se encerra com a experiência, mas que exige a organização de seus desdobramentos para ter função educativa. Através de suas práticas, formaliza-se a premissa do saber não-informativo desenvolvida pelo projeto autopoietico de Maturana, em que a mútua determinação das estruturas da experiência é construída por anteparos artificiais (as determinações do programa performativo), mas que são articulados para produzir estados dinâmicos singulares e respostas igualmente singulares para os novos parâmetros de real que tal experiência perceptiva impõe, que talvez não fossem possíveis em outro contexto de construção ser-ambiente.

Referências

FABIÃO, Eleonora. Programa Performativo: O Corpo-Em-Experiência. *Ilinx – Revista do Lume*, n. 4, 2013.

_____. Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. *Sala Preta*, n. 8, 2008.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento – As bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Ed. Psy, 1995.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *De máquinas e seres vivos. Autopoiese, a Organização do Vivo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

Biblioteca Humberto Maturana:

<http://escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana>.